

VÍCTOR:
UMA CANÇÃO INACABADA

Joan Jara

VÍCTOR: UMA CANÇÃO INACABADA

Tradução de Renzo Bassanetti

1ª EDIÇÃO
EXPRESSÃO POPULAR
SÃO PAULO – 2022

Copyright © 2022 by Editora Expressão Popular

Copyright © 1983 by Joan Jara

Título original: *Víctor: an unfinished song*

Jonathan Cape, London, 1983

Primeira publicação no Brasil em 1998, pela Editora Record.

Atualizada com base na edição chilena revisada, corrigida e ampliada de setembro de 2020.

Víctor, un canto inconcluso. Fundación Víctor Jara, Santiago, Chile.

Tradução: Renzo Bassanetti

Revisão da tradução: Fátima Pires dos Santos

Produção editorial: Lia Urbini

Revisão de texto: Dulcineia Pavan, Lia Urbini e Aline Piva

Projeto gráfico e diagramação: Gustavo Motta

Capa: Thereza Nardelli

Impressão e acabamento: Paym

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

J37c	Jara, Joan Víctor: uma canção inacabada ; Tradução de Renzo Bassanetti / --1. ed. -- São Paulo: Expressão Popular, 2022. 352 p. : il. Título original: Víctor: an unfinished song. Inclui caderno de fotos. ISBN 978-65-5891-038-1 1. Víctor Jara, 1962-1973. – Vida e obra. 2. Víctor Jara, 1962- 1973 – Músico chileno. 3. Ditadura chilena. 4. Revolução chilena. 4. Chile – História. CDU 78 (83) 78.071.1
------	---

Catalogação na Publicação: Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida sem a autorização da editora.

1ª edição: janeiro de 2022

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR LTDA.

Rua Abolição, 197 – Bela Vista

CEP 01319-010 – São Paulo – SP

Tel: (11) 3112-0941 / 3105-9500

livraria@expressaopopular.com.br

www.expressaopopular.com.br

 ed.expressaopopular

 editoraexpressaopopular

SUMÁRIO

Nota editorial.....	7
Prólogo	13
Um final e um começo	15
Joan	19
Víctor	41
Nosso encontro.....	73
O teatro e a canção	93
Em meados dos anos 1960.....	119
A canção como arma.....	141
As portas se abrem	173
“Onde as batatas assam”	203
A melhor escola para a canção é a vida.....	223
Sem saber o fim	237
O golpe.....	265
Uma canção inacabada	279
Desfecho	287
Epílogo.....	297

Pegadas, rastros, ressonâncias de uma canção inacabada..... 311
Jorge Montealegre I.

Índice onomástico 317
Caderno de fotos..... 321

NOTA EDITORIAL

O fato de sermos o único país de língua predominantemente portuguesa no continente acaba trazendo algumas consequências segregadoras até os dias de hoje. Ainda mais num contexto em que quase todas as nossas fronteiras terrestres encontram falantes de espanhol, mas o segundo idioma oficial nas escolas segue sendo o inglês, depois deste ter destituído o francês. Não é de se admirar, portanto, que tantos de nós estejamos acostumados a associar as transformações culturais e especificamente musicais das décadas de 1960 e 1970 apenas com o termo Música Popular Brasileira (MPB).

No entanto, algumas das características atribuídas à MPB são partilhadas com o movimento mais amplo da *Nueva Canción Latinoamericana*, que teve como países-símbolo Chile (com a *Nueva Canción Chilena*), Argentina (com o *Nuevo Cancionero Argentino*) e Cuba (com a *Nueva Trova Cubana*), mas que repercutiu em diversos outros territórios.

Tratava-se da expressão musical de uma reação cultural ao novo colonialismo que se instaurava nos territórios latino-americanos. Já libertas de suas colônias europeias em muitos casos há mais de um século, tais nações seguiam enfrentando obstáculos profundos para a efetivação de suas soberanias em virtude das pressões contínuas das multinacionais, muitas delas estadunidenses, atuando e se espalhando pelo continente, sufocando cos-

tumes, estiolando redes locais de produção da vida. A inserção desigual e combinada das ex-colônias no comércio mundial que rumava para a globalização também fortalecia as elites locais formadas por *vendepatrias* latifundiários ou industriais sem nenhuma conexão com a melhoria dos índices de desenvolvimento humano dos seus concidadãos.

Na mesma época, nos Estados Unidos e Europa, o termo “canções de protesto” se popularizou com figuras como Bob Dylan, Nina Simone e muitos outros que cantavam contra a segregação racial, contra o imperialismo e pelo fim da Guerra do Vietnã. Víctor Jara, no entanto, era um dos cantores que preferia o termo “canções populares”, reivindicando um enraizamento da sua arte no popular do folclore, dos ritmos e instrumentos ancestrais, mas atento às novas cores e demandas do novo tempo, em revolução. O “popular” e o “nacional”, já naquela época, ganhava contornos específicos a depender de quem os reivindicava.

Em 1965, um ano após o começo da ditadura civil-militar em nosso país, a TV Excelsior inaugurou seu Festival de Música Popular Brasileira, que só permitia a inscrição de músicas originais inéditas. Foi um momento ímpar de difusão das iniciativas de valorização da música nacional, num momento em que havia ao mesmo tempo um projeto popular de nação sendo massacrado, buscando resistir, e um ufanismo autoritário sendo cultivado. Essa especificidade fez com que muitos artistas apresentassem canções de contestação ao regime, de maneira mais ou menos velada.

Em 1967, na Cuba da Revolução, aconteceu o chamado Primeiro Encontro da Canção de Protesto, que reuniu muitos dos principais expoentes do gênero. O socialismo vietnamita acabara de vencer a maior potência militar do mundo e, ao mesmo tempo, inspirava tanto novas insurgências populares como a reação da direita mundial, que se reorganizava para garantir a hegemonia dos EUA ao menos no que eles consideravam seu quintal. No mesmo ano, no Brasil, a TV Record realizava o Festival da Canção, no qual, desafiando a censura, Chico Buarque apresentou *Roda Viva*, Edu Lobo e Capinam apresentaram *Ponteio* e Caetano Veloso, *Alegria Alegria*. O galo insistia em cantar, a despeito das ameaças.

Partindo da experiência chilena, Joan Jara nos narra com extremo esmero como a trajetória artística e de militância de Víctor foi forjada do começo ao fim por esse impulso de conexão com a vida do povo e sua luta

cotidiana pelo que ele traduziu, em suas canções, como “o direito de viver em paz” (*El derecho de vivir en paz*) “rompendo as correntes, vencendo a miséria e o fascismo” (*Venceremos*). Ao longo da descrição, podemos perceber como a conexão de Víctor com os membros da Unidade Popular, a campanha pela candidatura de Salvador Allende e as viagens que fez pela União Soviética e por Cuba lhe deram mais radicalidade e visibilidade, fazendo com que ele se tornasse um dos principais alvos da ditadura que se instauraria a partir de 1973 no Chile.

Os anos vibrantes de protagonismo popular chilenos nos remetem aos nossos anos anteriores ao golpe de 1964. Os programas de alfabetização, os Centros Populares de Cultura, as Ligas Camponesas... Cada brasileiro que se debruce na história chilena pré-golpe encontra muitos pontos de contato entre as realidades que buscavam ser transformadas. Da mesma forma, os movimentos autoritários também nos soam lamentavelmente familiares.

Pinochet encabeçou a junta militar responsável pela manutenção, por 17 anos, do governo ditatorial. Com os militares veio também a implantação do modelo neoliberal, com Estado forte apenas na repressão. Os números da Comissão Chilena de Direitos Humanos, a versão da Comissão da Verdade no Chile, apontam 3.200 chilenos mortos por agentes do Estado, dentre eles Víctor Jara, sendo que 1.192 deles são presos desaparecidos. Cerca de 33 mil pessoas foram torturadas e presas por motivos políticos, além de cerca de 200 mil exilados políticos.

Para que a ditadura terminasse e os crimes fossem reconhecidos pelo Estado, muitos anos de luta, mobilização e persistência foram necessários. No caso de Joan Jara, ela abraçou a militância em direitos humanos, participando de campanhas, comitês e atividades de solidariedade com outras vítimas da ditadura. Testemunhou em comissões como a Comissão Internacional de Investigação de Crimes da Junta Militar do Chile (Helsinki, 1974) e a Comissão de Investigação de Chicago (1975). Com os discos e documentos que conseguiu preservar, Joan Jara deu o pontapé inicial para o estabelecimento da Fundación Víctor Jara, em 1993. A Fundação desde então foi se estruturando para abrigar mais materiais, realizar atividades de memória, educação e luta – e a ela prestamos nossos sinceros agradecimentos no acompanhamento desta edição.

No ano de 2009, um novo sepultamento do corpo de Víctor Jara foi realizado, após perícia do corpo, permitindo a todos os chilenos uma despedida digna, já que o enterro anterior, em 1973, havia sido realizado sob clima de vigilância e terror.

Com 45 anos de atraso, em 2018, nove ex-funcionários do exército foram finalmente condenados pelo sequestro e assassinato de Víctor Jara: Hugo Sánchez Marmonti, Raúl Jofré González, Edwin Dimter Bianchi, Nelson Haase Mazzei, Ernesto Bethke Wulf, Juan Jara Quintana, Hernán Chacón Soto, Patricio Vásquez Donoso e Rolando Meno. Trazer os nomes à tona e imputar-lhes responsabilidades – ainda que nem todos cumpram suas penas, por terem saído do país ou alegarem complicações de saúde – é fundamental para que se rompa com o pacto de silêncio e normalidade que paira nos Estados “redemocratizados”, e que permite a sobrevivência de muitas das bases das estruturas ditatoriais.

Para os leitores brasileiros, especialmente nos dias de hoje, vale lembrar da noção de pátria dos folcloristas chilenos à época, sintetizada por Víctor Jara, e que tanto se diferencia das concepções nacionalistas autoritárias:

Pátria é o amor ao meu lar, à minha mulher e meus filhos. É amor à terra que me ajudou a viver; é o amor à educação e ao trabalho; é o amor aos demais que trabalham pelo bem-estar comum; é o amor à justiça como instrumento de equilíbrio para a dignidade do homem; é o amor à paz para aproveitar a vida; o amor à liberdade [...], não à liberdade de uns para viver de outros; mas a liberdade de todos. A liberdade para que eu exista e existam meus filhos, meu lar, o bairro, a cidade, os povoados e todos os lugares aonde forjamos nosso destino. Sem jugos próprios nem estrangeiros.*

Que a volta em circulação deste livro aqui no Brasil permita novas conexões entre as gerações mais novas e as que lhes antecederam no sentido de fortalecer a construção desses lugares aonde tomamos nossos destinos em nossas próprias mãos.

* Jara, Víctor. “Los folcloristas hablan de los valores patrios”. *Revista Ritmo*, 25 de Septiembre de 1973, Santiago del Chile, Chile.

A presente edição de *Victor: uma canção inacabada* é a tradução brasileira do livro *Victor: an unfinished song*, escrito em 1983 pela dançarina, militante e companheira do cantor Víctor Jara, Joan Jara. Editada pela primeira vez no Brasil pela Editora Record em 1998, a tradução de Renzo Bassanetti inclui um epílogo escrito por Joan, atualizando os leitores em relação aos 15 anos que separavam a primeira edição brasileira da londrina. Incorporamos, aqui, as atualizações presentes na última edição chilena de 2021 e um posfácio escrito pela Fundação Víctor Jara. As fotos do caderno final são todas provenientes do Arquivo Víctor Jara, com autoria desconhecida, salvo quando identificadas de maneira diferente nas legendas.

PRÓLOGO

É um alívio narrar esta história com serenidade, a meu modo, em vez de responder a perguntas inesperadas que só me permitem relatar os fragmentos que interessam a quem está me entrevistando.

Durante os anos transcorridos desde o golpe militar no Chile, tenho recebido tantas demonstrações de amor, amizade e apoio de pessoas do mundo inteiro, que agora consigo isolar minha dor a tal ponto que posso me lembrar da felicidade.

A vida tem me ensinado que quase todos nós somos vítimas de pré-julgamentos, de ideias preconcebidas e de falsos conceitos sobre quem é nosso “inimigo” ou o que nos é “alheio”, gerados pelo ambiente em que vivemos e, sobretudo, pelos meios de comunicação, aos quais estamos sujeitos. No entanto, ela também tem me ensinado que essas barreiras são artificiais e podem ser derrubadas.

A lição começou quando fui viver na Alemanha do pós-guerra, onde tive sofrimento e amigos; continuou quando me mudei para o Chile e esse remoto país se tornou o meu lar; e, nos últimos nove anos, devido à força do movimento internacional de solidariedade ao povo chileno, tenho tido a sorte de conhecer e de poder me considerar amiga de pessoas aparentemente tão diferentes como operárias do Japão, mineiros e aborígenes da

Austrália, cantores e estudantes dos Estados Unidos, crianças da Alemanha Oriental, artistas da França e da Espanha, veteranos combatentes antifascistas da Itália, poetas e jovens da União Soviética, bailarinos cubanos – isso para não falar das velhas e novas amizades que encontrei na Grã-Bretanha, ao retornar na qualidade de refugiada depois de quase 20 anos.

A toda essa gente, dedico humildemente esta tentativa de colocar as recordações em palavras, bem como a todos os amigos chilenos e latino-americanos cujas experiências, em parte, compartilhei; e a minhas filhas, com esperanças para o futuro.

Meu profundo agradecimento a todos os que ajudaram na elaboração deste livro, com lembranças e sugestões: Fernando Bordeu, Patricio Bunster, Eduardo Carrasco, Bélgica Castro, Atahualpa del Cioppo, Maruja Espinoza, Jan Fairley, Ricardo Figueroa, Francisco Gazitua, Inti-Illimani, Georgina Jara, Julio Morgado, Enrique Noisvander, César Olhagaray, Raquel Parot, Ángel Parra, Isabel Parra, Roberto Peralta, Omar Pulgar, Alejandro Reyes, Claire de Robilant, Alejandro Sieveking e a Nelson Villagra, por autorizar a utilização de seu artigo sobre sua amizade com Víctor. Minha gratidão especial a Maria Eugénia Bravo, pois sem ela esta obra nunca teria sido iniciada; a Frances Brown, que tem me acompanhado e ajudado em todos os momentos; a Mike Gatehouse, sem o qual nunca a teria terminado; e a Liz Calder, por seu estímulo constante e sua inexplicável confiança em mim.

J.J.

Londres, abril de 1983

UM FINAL E UM COMEÇO

Em 15 de outubro de 1973, enquanto me dirigia ao avião no aeroporto Pudahuel, em Santiago, escoltada pelo cônsul britânico, eu era uma pessoa sem identidade. O que quer que tenha sido – bailarina? coreógrafa? professora? esposa? –, não era mais. Olhei para minhas duas filhinhas, que se acomodavam em suas poltronas diante de mim, pálidas e submissas, sem sequer discutir quem ocuparia o lugar ao lado da janela, e só então tive plena consciência de que agora dependiam inteiramente de mim. Na verdade, eu precisava delas para continuar vivendo. Sabia que uma parte de mim estava morta, havia morrido com um homem cujo corpo jazia agora em um ataúde, em um nicho de concreto, lá no alto do muro traseiro do Cemitério Geral de Santiago.

Deixei o nicho coberto com uma tosca lápide de pedra, na qual se lia simplesmente:

Víctor JARA

14 de setembro de 1973

A data estava errada. Na época, não havia como saber exatamente em que dia meu marido fora assassinado. Não deixei espaço para flores. Os

pequenos vãos que os nichos costumam ter na frente ficam nus e tristes quando estão vazios. Nunca poderia imaginar que não faltariam flores na tumba de Víctor, e que pessoas desconhecidas não mediriam esforços para subir até lá e amarrar latas e potes com pedaços de arame ou barbante a fim de deixar suas ofertas, mesmo correndo o risco de serem presas.

Eu estava em estado de choque, mas a dor e a agonia dele viviam dentro de mim, e me apossavam num sentido muito real. Não conseguia fechar os olhos sem ver seu corpo morto, o necrotério e as horríveis imagens dos acontecimentos das quatro últimas semanas, resultado da violência militar aplicada, de maneira impiedosa, contra civis desarmados, uma violência tão desproporcional, tão aniquiladora, que parecia impossível acreditar que tal plano tivesse sido concebido no Chile.

Dominava-me uma sensação de luta inacabada, a luta de um povo que tentava modificar pacificamente sua sociedade, obedecendo a normas que seus inimigos pregavam mas não praticavam. Sentia-me como se fosse não uma pessoa, mas mil, um milhão. O tormento não era só pessoal; era uma dor compartilhada que uniu muitos de nós, mesmo que tivéssemos sido obrigados a nos separar, com alguns permanecendo no Chile e outros fugindo para cada canto do mundo.

Eu estava entre os que se foram. Tinha passaporte britânico, mas depois de quase 20 anos no Chile, retornava à Inglaterra como se fosse uma estrangeira. A essa altura, já pensava em espanhol e não em inglês. Não tinha trabalho nem dinheiro, tudo que possuíamos foi acondicionado em três malas, e, em vez de roupas, levamos fotos, cartas e discos.

O avião estava quase vazio. O fluxo de refugiados apenas começara, pois a maioria ainda esperava pelos vistos, amontoando-se nas embaixadas de Santiago. Com seus elegantes trajes de tecido escocês axadrezado e sorrisos vivazes, as aeromoças pareciam irreais, feitas de papel. Enquanto via Santiago desaparecer sob mim, cinzenta e indistinta na planície do vale central, perguntei-me quando regressaria, quando voltaria a ver meus amigos. Depois apareceram os morros que se erguiam até a cordilheira, com sua vegetação de Cerrado – seria o Cajón del Maipo, onde tantas vezes passáramos os feriados? –, e, logo, a cordilheira, a grande massa de altos cumes, um solitário deserto de gelo, neve e rochas escarpadas, que é sempre impressionante, mesmo que você a atravesse muitas vezes... e, finalmente, adeus Chile, pátria de Víctor, lar de minhas filhas... e meu.

As montanhas ficaram para trás e surgiu a estranha monotonia do Pampa argentino, que se estendia à frente até o Oceano Atlântico. Não tinha a menor ideia do que o futuro reservava para mim. Só sabia que a necessidade de me comunicar era urgente, a dança, que sempre fora minha forma de fazer isso, já não me parecia pertinente nem possível. Tinha de aprender a falar, para contar ao mundo exterior, em nome dos que não podiam fazê-lo, sobre os sofrimentos do povo do país que durante tantos anos havia sido meu lar.

As crianças cochilavam nas poltronas. Acordada e só, senti que Víctor estava conosco, como se pudesse esticar a mão e tocá-lo. Compreendia que deveria adaptar-me à vida sem ele, mas também entendia que ele nunca deixaria de fazer parte de mim, como se, ao morrer, tivesse vindo morar dentro de mim, com uma intensidade que eu vivia de maneira menos consciente quando estava ainda ao meu lado. Isso me deu coragem e me fez perceber que nunca estaria só. Faria tudo que estivesse ao meu alcance para que Víctor, através de sua música e suas gravações, continuasse trabalhando pela causa que abraçara como sendo a sua própria. Seus assassinos haviam subestimado o poder da canção.

Não conseguia dormir. Notei que estava agarrada à minha bolsa, com as mãos crispadas. Para ver se relaxava, abri-a e tirei os papéis que continha. Lá estava minha carteira de identidade chilena, com as impressões digitais, a foto e a descrição formal dessa pessoa tão distante que chegara ao Chile 19 anos atrás: *Joan Alison Turner Roberts*. Perto dela, achei meu passaporte britânico. Peguei-o e abri-o: “Nome do titular: Senhora Joan Alison Jara.” Alegrei-me de que nele constasse o sobrenome de Víctor. Nos anos que viriam, passaria a usá-lo com orgulho e como um desafio.

Agora, Manuela e Amanda dormiam tranquilamente. Fiquei pensando para onde a vida as levaria: quando era pequena, nunca poderia imaginar que algum dia me veria abandonando um país distante na condição de refugiada.